



ANCESTRALIDADE E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS EM *HABITANTE DO INÓSPITO*, DE ALEX DAU*

ANCESTRY AND IDENTITY DISPLACEMENTS IN "HABITANTE DO INÓSPITO", BY ALEX DAU

Juma Manuel¹
Inara de Oliveira Rodrigues²

Resumo: Nessa discussão, problematiza-se a questão de deslocamentos identitários e sua relação com a ancestralidade, a partir do quadro de encenação de choques entre tradição e modernidade nas narrativas que compõem a obra literária *Habitante do inóspito* (2017), do escritor moçambicano Alex Dau. À luz de uma leitura de orientação anticolonial, com base em problematizações à volta do “dilema de descompasso do colonizado” (MEMMI, 2007) e “complexo de inferioridade” (FANON, 2008), procura-se compreender como o autor se situa, na sua escrita contística, em face dos elementos identitários de natureza ritualística enquanto meios de questionamento da contemporaneidade moçambicana.

Palavras-chave: Moçambicanidade. Imaginário cultural. Literatura anticolonial.

Abstract: In this discussion, the issue of identity displacements and its relationship with ancestry is problematized, based on the staging of clashes between tradition and modernity in the narratives that make up the literary work “Habitante do inóspito” (2017), by Mozambican writer Alex Dau. In the light of an anticolonial reading, based on problematizations around the “colonized mismatch dilemma” (MEMMI, 2007) and “inferiority complex” (FANON, 2008), we seek to understand how the author situates himself, in his short-story writing, in the face of identity elements of a ritualistic nature as means of questioning Mozambican contemporaneity.

Keywords: Mozambicanity. Cultural Imaginary. Anti-colonial Literature.

¹ Professor de Literatura na Universidade Púnguè, Moçambique. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC/Bahia-Brasil). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista CAPES, 2022. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8453-6520>. E-mail: jmanuel@uesc.br.

² Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/Bahia). Doutora em Letras (PUC-RS); docente permanente do PPGL Linguagens e Representações da UESC. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-7374>. Email: iorodrigues@uesc.br.

* Artigo recebido em 30 de outubro de 2022. Aceito para publicação em 15 de dezembro de 2022.

Introdução

O presente trabalho tem como enfoque, essencialmente, no âmbito do pensamento crítico anticolonial, apresentar um estudo sobre a obra literária *Habitante do inóspito* (2017), do escritor moçambicano Alex Dau. Trata-se de uma abordagem que entende como inescapável problematizar a situação de Moçambique enquanto território com um passado histórico de dominação colonial portuguesa, pois: “Sabemos que o processo de colonização se caracterizou por uma determinada ocupação do espaço que, por sua vez, representou dinâmicas e correlações específicas de poder em que se confrontam, essencialmente, duas ordens existenciais: a dos dominadores e a dos dominados” (NOA, 2006, p. 196). Assim, devido a esse passado político e histórico, é possível verificar, em textos literários atuais, como o do autor em destaque, uma certa linha de escrita em que afloram, por exemplo, entrecruzamentos da ancestralidade com abalos identitários, como resultado desse processo de colonização.

Habitante do inóspito (2017) é uma das obras de Alex Dau que, de imediato, nos sugere nuances temáticas ancoradas na ancestralidade. Para tal efeito, o autor constrói tramas narrativas em que a cosmovisão rural sobressai como linha dominante. Aliás, o livro, constituído por doze contos, inicia com cenas que dão conta do desaparecimento de Yaga em trabalho de pesca para a sobrevivência da sua família, tendo, posteriormente por vias incomuns, reaparecido. Posteriormente, a obra nos remete, ao que parece ir mais de encontro ao espírito da nossa discussão, para a ancestralidade e cosmogonia africana, permeadas por cultura material e espiritual da topografia em debate. Assim, em contos, a exemplo de “Filho Pródigo”, vislumbramos como Mário Bucande, apesar de demonstrar algum abalo identitário, não perdeu a sua identidade, pois se apresenta na narrativa como o sujeito responsável por manter o vínculo com as suas origens.

No essencial, lidos na sua globalidade, os contos que compõem a obra *Habitante do inóspito* concentram, dentro de si, a vitalidade de uma expressividade singular em que contornos de abalo identitário e práticas de resistência cultural se tornam mais pronunciados.

Por conseguinte, temos na referida obra literária a construção de um universo específico a partir do qual Alex Dau vai regurgitando a problemática da assimilação cultural, como resquício da encenação colonial em Moçambique. Nesse sentido, é, pois, através dessa obra que o escritor dá-nos a conhecer, sociologicamente, as práticas cotidianas que se apresentam como subterfúgios de desalienação cultural e exposição de saberes que rompem com a objetificação de identidade calcada no discurso imperialista. Por isso, essa realidade subjetiva do imaginário socio-antropológico moçambicano fez com que a coletânea em estudo fosse o objeto da presente reflexão, embora incipiente no contexto de sua recepção crítica.

No entanto, com base em tendências díspares da política da assimilação cultural, as estratégias de sobrevivência sociocultural a floradas na obra *Habitante do inóspito* tematizam o empoderamento de mitos, os ritos tradicionais, bem como as relações entre o mundo visível e o mundo invisível do ocultismo. Dessa feita, como dissemos há pouco, a ancestralidade é o ponto principal que atravessa toda a obra, tanto que podemos apreendê-la através da voz de Tsango em “Filho Pródigo”; de Sunza na narrativa “Tormento de Nhumba”; ou, ainda, de Mambesse, no conto que dá título à obra “Habitante do inóspito”. Portanto, o que Alex Dau faz é dar o devido valor às vozes e às práticas culturais que outrora não foram ouvidas, respeitando, desse modo, a sacralidade demiúrgica tradicional.

Frente a essa lógica de raciocínio, neste estudo são enfocadas as manifestações das fricções da luta cultural entre a ancestralidade e os deslocamentos identitários na contemporaneidade, sendo o embate marcado por um emaranhado de situações de assimilação cultural e desprezo de certas práticas culturais por consequência das imposições ideológicas/culturais do mundo eurocêntrico. Assim dito, trata-se não de negar a dimensão múltipla das identidades, mas de reconhecer, no texto de Alex Dau, o lugar no qual se constitui a base de sustentação de uma identidade moçambicana, mostrando, por meio desse conflito cultural, a relação que se estabelece com a mundividência ancestral moçambicana, já que “Nessa perspectiva, a moderna literatura é melhor entendida historicamente como uma das mais importantes formas de produção cultural, através das quais um estado-nação pode ser identificado.” (CHABAL, 1994, p. 15).

Esta empreitada é concebida por conta de se verificar que, através da literatura, o escritor traça, no livro referido, um rastreio em torno de atos que denunciam a perpetuação do imaginário imperialista, pelo fato de a dominação colonial ter deixado marcadas as hierarquias nas camadas sociais que se manifestam, sobretudo, pelo abandono da tradição e a necessidade incessante de superação dessa condição para se tornarem dominantes ou “civilizadas”. No jogo entre memória e esquecimentos, encontra-se, nesta narrativa alexiana, o ressurgimento e insurgência de “vozes por tanto tempo silenciadas, memórias desde longa data sufocadas, cosmovisões e formas de convivência ao longo dos séculos reprimidas [...]” (PINTO; MIGNOLO, 2015, p. 13).

Com efeito, a partir dos “gatilhos” decorrentes da linguagem e da trama narrativa, para os propósitos deste texto, temos como ponto de partida para a análise a ser encetada as considerações à volta do “dilema de descompasso do colonizado” (MEMMI, 2007) e “complexo de inferioridade” (FANON, 2008). Procuramos, assim, compreender como Alex Dau se situa, na sua escrita contística, em face dos elementos tradicionais e identitários de natureza ritualística como meios de questionamento da contemporaneidade moçambicana.

Abalo identitário e práticas de resistência cultural em *Habitante do inóspito*

A obra literária *Habitante do inóspito*, conforme dissemos nas linhas anteriores, faz emergir pressupostos de resistência e inconformismo culturais, visíveis na sociedade moçambicana, em que, divididos entre a vida rural e a vida urbana, “aqueles que abandonaram o campo, para empreender uma nova vida na cidade, geralmente acabam se afastando dos princípios e costumes da vida rural, os quais são fundamentais na construção da identidade cultural.” (COSTA, 2008, p. 2). Por conta disso, parafraseando Rosilene Costa, a assimilação cultural exigida para a ascensão na escala social obriga os moçambicanos a abandonarem as suas raízes culturais e religiosas. Nesse sentido, segundo a autora, “este processo de ‘branqueamento cultural’, obriga o africano a deixar suas vivências e aceitar o estilo de vida importado da Europa e de outros lugares” (COSTA, 2008, p. 2); visto que, conforme Noa (2006, p. 196): “[...] o espaço colonial é um lugar onde, de modo sistemático, se realizam e se encenam os comportamentos hegemônicos por parte dos territórios dominantes”.

Contudo, como afirma ainda Rosilene Costa:

Este processo de desenraizamento é doloroso, pois, mesmo quando as pessoas optam por uma vida na cidade e de alguma forma aceitam as regras propostas pelo sistema dominante, a dor é sentida: há uma quebra no sistema de valores individuais e grupais. Essa dor está sendo registrada na literatura e nas artes em geral. (COSTA, 2008, p. 2).

No seguimento da dor registrada na literatura, a riqueza semântica da obra em estudo reside no retrato do homem comum da sociedade moçambicana. Este, à luz da ficção política construída pela razão colonial, torna-se alegoricamente habitante do inóspito, por atrelar-se a ditames do território da ancestralidade e das tradições, sendo, por via disso, um selvagem ou bárbaro, na esteira dessa invenção da cartografia colonial moderna.

Ora, o título *Habitante do inóspito*, para além de ser a designação de um dos textos constitutivos do livro, apresenta-se como eixo transversal em todos, já que cada uma das narrativas toca algum aspecto desse espaço inóspito, conforme se demonstra quando, por exemplo, metaforicamente, se considera inóspita a palhota dos espíritos, bem como inóspitas as nações espirituais, por onde divagam as autoridades ancestrais. É preciso notar, todavia, que a riqueza semântica do título repousa no significado de “inóspito”, termo bastante forte, que só percebemos o seu sentido mais aprofundado quando terminamos a leitura de todos os contos do livro. Na verdade, as personagens que povoam as narrativas são, de um jeito ou de outro, figuras que compartilham alguma forma de inospitividade, por se tratar, de fato, de um arquétipo cultural que acaba por contaminar todos os textos do livro, visto que a referida inospitividade tem a ver com o respeito a práticas ancestrais.

Enquanto referências de continuidade da herança colonial, nos confrontamos com algumas contingências textuais condizentes com o ideário de grandeza do homem branco. Tal ideário se reflete na sociedade moçambicana até hoje, porquanto é possível verificar negros que replicam a cultura branca europeia por meio de mecanismos de subalternização de suas práticas e rituais tradicionais.

Assim, procurando explicar os contornos da emergência dessa tendência eurocêntrica, Frantz Fanon esclarece que “todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural toma posição diante da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.” (FANON, 2008, p. 45). E assim é, de tal forma, que “o colonizado com problemas de assimilação esconde seu passado, suas tradições, todas as suas raízes, enfim, que se tornam infamantes.” (MEMMI, 2007, p. 164). Contudo:

Observa-se [...], e tendo em conta particularmente a interação cidade/subúrbio, que os sujeitos – que têm como pátria imposta a sua condição de subalternidade civilizacional, social e racial – transitam recorrente e fatalmente entre duas periferias: por um lado, aquela que é exterior à cidade, o próprio subúrbio, portanto; por outro, a que está cavada dentro dos limites da cidade, onde a sua presença é basicamente justificada pela sua ação enquanto exército de serventuários (NOA, 2006, p. 196).

Dessa feita, nas literaturas africanas de língua portuguesa, de modo geral, a resistência cultural e a construção identitária figuram como duas esferas fundamentais. Por conseguinte, assim como aconteceu no período colonial, hoje a literatura funciona como fator de libertação, servindo de meio de questionamento da contemporaneidade.

Nessa toada, convocando os moçambicanos a repensarem a sua identidade, *Habitante do inóspito* exerce uma função profiláctica para que a cultura local não seja subalternizada, a ponto de, nesse caso, através de assimilação cultural, instrumento de cunho civilizacional que enaltecia os poderes metropolitanos, o moçambicano seja levado a desprezar as suas raízes e, por consequência, abandone os seus valores culturais. Ao contrário, pautado por uma escrita emancipatória e, por via disso, dissidente, Alex Dau oferece uma cartografia de resistência identitária, rasurando a concepção imposta pelo pensamento hegemônico eurocêntrico, dando crédito à postura decolonial:

Nesse esforço de radical desligamento ou desengajamento decolonial, povos originários ou aborígenes de diferentes regiões do mundo, no interior de estados-nações localizados no ocidente ou reproduzidos em sua periferia, mas sempre a partir da exterioridade

subjetiva e epistêmica fabricada no discurso de modernidade, rearticulam suas antigas cosmologias, artes, ciências e saberes (PINTO; MIGNOLO, 2015, p. 15).

Na literatura moçambicana contemporânea, Alex Dau tem se posicionado, no domínio do conto, como um exímio cultor dessa tendência rearticulativa das antigas cosmologias, ciências e saberes moçambicanos. Para tanto, o escritor percorre registros da convulsão do cotidiano moçambicano, como o relato do culto aos ancestrais e do território da religião tradicional africana, como bem evidencia a seguinte passagem do conto “Tormento de Nhumba”:

Na densa floresta, Rumela e Sunza continuavam a receber os ensinamentos espirituais de um falecido ancestral [...]. A criança brincava, na floresta, com toda a espécie de animais. Amigava-se mais com uma jibóia [...]. Rumela, apesar de experiente, no contacto com os espíritos, não percebia o poder que aquela criança possuía (DAU, 2017, p. 63).

A partir dessa passagem textual, é possível inferir como se processa a matriz da ancestralidade, porquanto se demonstra a operação de contato entre os vivos e os mortos, bem como se vislumbra, nesse exemplo, o lugar divinatório do território povoado pelo ocultismo. Isso se dá, de tal sorte que, como pontua a narrativa, Rumela, apesar de experiente no contato com os espíritos, é incapaz de perceber o poder mirabolante apresentado por Sunza, identificado como reexistência dum antepassado. Mais ainda, esse viés de pertencimento ancestral pode ser visto no conto que empresta título à obra “Habitante do inóspito”:

Tomando as rédeas de Sogolo, o novo chefe dirigiu o seu povo até à berma do rio Podogoma, a fim de ali executar um ritual, com o objetivo de eliminar o infortúnio que desgostava a sua gente. Todos os espíritos foram invocados por Mambesse, que estabeleceu um contacto de ordem suprema (DAU, 2017, p. 89).

Sobre esse assunto, vale trazer à nossa análise as palavras de Alberto Mathe, segundo as quais “Nas tradições africanas existem práticas muito próximas do apocalipsismo, com destaque para a intervenção de mediadores entre o homem e os seres sobrenaturais [...]” (MATHE, 2016, p. 65), tal como acontece com Sunza e Mambesse nas passagens anteriormente descritas.

Com tendência a imitar os antigos opressores, a personagem Mário Bucande, do conto “Filho Pródigo”, representa esse lado que constitui a “cereja no topo do bolo” da obra alexiana. Segundo vemos, o seu abalo de identidade configura, em grande medida, uma síntese da fricção entre tradição e modernidade, pois “[...] abandonara a sua terra natal, Kuala, distrito no norte do país, para a capital provincial, quando tinha dezoito anos.” (DAU, 2017, p. 36).

Nessa perspectiva, caminhando para uma vida ocidentalizada na cidade, Bucande reproduz, por assim dizer, os estereótipos do colonizador sobre si mesmo. Ora, a partir disso podemos compreender que, de uma maneira geral, o pensamento do colonizado, mesmo no período posterior à consagração da Independência Nacional, não deixou de seguir as regras típicas das sociedades de classes, dentro das quais os valores culturais são impostos pelas classes dominantes. Isso ocorria tão frequentemente que, para se estabelecer como tal, o indivíduo tinha de se atrelar ao postulado pelo sistema coercivo da cultura metropolitana numa clara demonstração de aculturação, a exemplo do caso de Manuel Bucande. Por consequência, decorrente dessa ânsia pela ilusória ascensão à europeização, experimentando degradação física e espiritual, “Mário já não reconhecia o meio em que se encontrava inserido. Por vezes, ficava com os olhos esbugalhados, divisando o vazio.” (DAU, 2017, p. 36).

Relativamente a essa postura da personagem, Francisco Noa esclarece que a cidade “É o lugar ambicionado e sempre procurado, mas nunca alcançado com plenitude” (NOA, 2013, p. 28); visto que, de acordo com Ana Mafalda Leite, citada por esse estudioso, “o circuito dentro da capital é um vaivém de misérias, de frustrações, de desigualdades revoltantes” (LEITE, 1991, *apud* NOA, 2013, p. 28).

Como se depreende, o choque exposto entre campo e cidade sugere a ideia de que a vida rural é permeada por práticas inferiores e retrógradas, pelo que, à luz do pensamento trazido à África pelos colonizadores, essa vida tinha de ser abandonada e, nesse sentido, a superação disso era ilusoriamente encontrada na cidade, espaço onde impera a modernidade. Assim visto, o narrador mostra como o ideário colonial alimentou, e continua alimentando, preconceitos contra o campo, subalternizando as religiosidades e as tradições locais, a ponto de um moçambicano recalcar o desprezo da sua essência, se autoreprimindo e adotando, consequentemente, a postura do opressor; uma vez que “Simbolicamente, esse espaço representa o encontro entre o superestrato determinado pela formação cultural e civilizacional de matriz europeia e o substrato assente na tradição cultural negro-africana.” (NOA, 2013, p. 28).

Dada a persistência dessa temática na obra, para além de outras relativas à afirmação cultural, entendemos que se reconfiguram as questões identitárias da sociedade moçambicana na contemporaneidade, uma vez destacada a relação do homem com a sua própria cultura, tal como se encontra nas seguintes palavras do narrador: “Um manto nublado cobria os céus de Kuala, quando a comitiva chegou. Massembe e Dimbo foram recebidos por Tsango, irmão mais novo de Bucande, que sabia, antecipadamente, da vinda deles, através de um comunicado anunciado pelos espíritos.” (DAU, 2017, p. 37). E mais, por conta do estado deteriorado da saúde de Mário Bucande, após submissão a consultas tradicionais,

foi-lhe diagnosticado uma refração a preceitos costumeiros, contanto que “ – Ele não foi nem ao enterro do pai, nem ao da mãe, ainda mais não cerimoniou os falecidos.” (DAU, 2017, p. 36).

Desse ponto de vista, ancorada em projeto de afirmação do pertencimento étnico e cultural, a obra *Habitante do inóspito* desconstrói o ofício da colonialidade, o da expropriação do ser africano, no caso em apreço a usurpação do ser moçambicano. Convoca, assim, para o respeito dos valores culturais e ancestrais que compõem a cartografia identitária moçambicana, conforme reforçam as seguintes passagens do conto “Avô de Mapanga”:

Estava possuído por uma indisposição maligna, que lhe monopolizara todo o ser. O corpo era vítima de uma moleza arrebatadora. [...] – Precisamos de ir à minha terra natal, para vos apresentar a minha família e homenagearmos os meus espíritos antepassados – anunciou, peremptório, Tibane. (DAU, 2017, p. 19; 22).

Nesse trecho, fica evidente que se trata de um sujeito dividido entre duas realidades culturais; por conseguinte, diante de crises sociais e de saúde, ele se dá conta do seu pertencimento no âmbito da ancestralidade. Portanto, desse modo, compreendemos que a personagem Mapanga Tibane revela uma lucidez corrosiva e torturada, permeada por angústias e carências que só encontram superação no território das tradições; pelo que, nesse exemplo, como se nota, há um conflito latente entre os novos valores de cariz ocidental e que se centram na modernidade e os valores antigos africanos erguidos sobre o culto dos antepassados e da espiritualidade. Assim, o campo e os seus valores culturais são aqui revestidos numa imagem representativa de afirmação territorial e identitária, porquanto, como aponta Francisco Noa, o campo “é um espaço que se institui como um repositório de valores e vivências que legitima a condição primeira e derradeira dos seres que representa, isto é, inconsciente coletivo de uma identidade ancorada, em última instância, na ruralidade.” (NOA, 2006, p. 194).

Mais ainda, através de temáticas inspiradas em impressões e experiências relacionadas à cotidianidade dos subalternizados, a narrativa “Filho Pródigo”, tal como indicamos nas linhas antecedentes, retrata a assimilação cultural da personagem protagonista Manuel Bucande, que se deslocara à cidade e, por conta disso, perdera os seus costumes e tradições. Em vista disso, pelo fato de ter saído da sua terra e, conseqüentemente, abandonado as suas raízes culturais, Bucande se depara, nesse desenraizamento identitário, com situações que o obrigam a retornar a sua aldeia e, embrenhando-se em nações espirituais, por meio de cerimónias, supera a doença de que padecia e que quase o levava a morte: “Tsango e o curandeiro levaram o doente até ao centro da palhota, e deitaram-no numa esteira. Um

conjunto de meia centena de velas foram acesas e circundaram o paciente. Então, o curandeiro evoluiu, no ritual, evocando os espíritos. Dançava, efusivamente e cantarolava.” (DAU, 2017, p. 38).

Como resultado de contingências sociais destacadas nesse excerto, percebemos a frustrada tentativa de europeização movida por forças alienadoras inerentes ao cosmopolitismo ocidental dominado pelos valores civilizacionais e culturais do colonizador. Dessa forma, portanto, testemunhamos como a obra em análise insiste no espectro de questões relativas à dicotomia entre a tradição ancestral e a cultura ocidental/moderna, bem como a exposição de subterfúgios para a (re) construção de uma identidade moçambicana atrelada ao imaginário tradicional.

Assim, o cumprimento do ritual para a cura, ou, se quisermos, para o reencontro com a sua identidade, levou a que Bucande habitasse “a palhota dos espíritos de seus ancestrais, durante três dias e três noites. E, quando a paz foi estabelecida, no quarto dia, ele já pôde erguer-se, por vontade própria, e, com um apetite voraz, alimentou-se, com base numa dieta receitada pelos espíritos.” (DAU, 2017, p. 38). Entendemos, assim, que, na família tradicional africana, a reverência pelo antepassado é uma forma de manter viva a tradição e a fidelidade para com as suas crenças, de tal modo que, apesar da personagem Manuel Bucande ter ensaiado uma europeização, fica claro que no final, conforme destacado anteriormente, ele não abdica dos valores culturais e morais da sua origem.

Desse modo, a contística alexiana torna-se um espaço de negação, protesto e reivindicação. Nesta visão, Alex Dau mostra-se adepto duma narrativa contracolonial, pugnando por uma afirmação específica dos valores culturais autóctones, como a ancestralidade, fato importante para a expressão da sua moçambicanidade, visto que “o texto literário serve de instrumento para retratar a realidade e concebe-se como um veículo de conhecimentos do mundo, cuja *práxis* social permite o conhecimento de realidades passadas, presentes e futuras”. (MANUEL; MAPERA, 2022, p. 6).

No remate do conto “Filho Pródigo”, já reconciliado com os seus antepassados, pelo fato de “o candidato à assimilação terminar por se cansar do preço exorbitante que precisa pagar” (MEMMI, 2007, p. 165), Bucande finca os pés na terra e, dessa forma, reassume a sua identidade. Elucida, assim, o sentido de pertença ao território tradicional depois de cumpridos os preceitos tradicionais para com os mortos: “É verdade, meus filhos, não poderei voltar convosco, digam para a vossa mãe que os meus antepassados me querem por cá.” (DAU, 2017, p. 39).

Com efeito, essa atitude reconciliatória apresentada por Bucande pode, igualmente, ser vista no conto “Habitação do inóspito”, em que devido à falta de condições para a sua sobrevivência, os habitantes da aldeia Sogolo são obrigados a observar os preceitos espirituais, de modo a que uma solução demiúrgica tivesse lugar, tanto que só assim

O povo de Sogolo livrou-se da maldição de outrora. A esperança renascia em cada olhar. As crianças brincavam alegres. Os pais entusiasmados cultivavam as machambas, com afinco. Estavam agora com os espíritos dos seus ancestrais retrazidos por Mambesse (DAU, 2017, p. 91).

Como se vê nesse último excerto, para a cura de Bucande também foi necessário “o contacto entre nações do além e da terra”, sendo que, nesse processo, “Mário buscava a cura, e os espíritos a reconciliação com o seu filho, que, havia muito, os abandonara” (DAU, 2017, p. 38). E, esse exercício ritualístico confere crédito, metaforicamente, à consideração segundo a qual “para que se possa ver a cura completa do colonizado, é preciso que sua alienação cesse totalmente: há que esperar o desaparecimento *completo* da colonização.” (MEMMI, 2007, p. 181 – grifo do autor).

Na tensão entre a assimilação e o seu retorno, toma corpo um visível assumir de pertencimento à africanidade, um claro destaque do *locus* de origem; expurgando, assim, a política da assimilação, uma herança da colonização, que consistia em:

[...] des-substancializar e estetizar a diferença, ao menos para uma categoria de nativos (*les évolués*) cooptados para o espaço da modernidade por terem sido ‘convertidos’ e ‘cultivados’, ou seja, tornados passíveis de se encaixarem na idéia de cidadania e do gozo dos direitos civis. Isso envolvia a passagem da tradição para a sociedade civil – mas, por meio da experiência do cristianismo e do Estado colonial (MBEMBE, 2001, p. 180).

Sobre a política da assimilação, em “As Formas Africanas de Auto-Inscrição”, Achille Mbembe explica o seguinte:

Em princípio, o conceito de assimilação fundou-se na possibilidade de uma experiência do mundo comum a todos os seres humanos, ou melhor, uma experiência de humanidade universal baseada na *similaridade* essencial entre os seres humanos. Este mundo comum a todos os seres humanos, esta similaridade, supostamente não estavam dados, *a priori*, a todos (MBEMBE, 2001, p. 179 – grifo do autor).

E prossegue:

O nativo em especial deveria ser *convertido* a eles. Esta conversão era a condição para que ele fosse percebido e reconhecido como nosso companheiro e, por conta de sua humanidade, deixasse de ser irrepresentável e indefinível. Dadas estas condições, a assimilação consistia no reconhecimento de uma individualidade africana diferente em relação ao grupo. (MBEMBE, 2001, p. 179 – grifo do autor).

Tendo em conta essas colocações de Achille Mbembe, bem como pelo exercício interpretativo levado a cabo, assumimos que estamos perante uma obra literária marcada por um viés de valorização de práticas culturais outrora marginalizadas, que retrata a ancestralidade e a tradição como signos de certa cosmovisão africana, em contraposição aos ideais que replicam a imitação dos colonizadores. Nesse sentido, negando a herança ideológica da Metrópole, como forma de protesto e resistência, há, na obra *Habitante do inóspito*, um posicionamento pouco “simpático” em relação aos constructos da ilusória modernidade impregnada no ideário colonial. A título ilustrativo, além das já apresentadas ao longo do trabalho, podemos ler palavras como estas: “ouvi vozes de entes queridos, que há muito partiram, eles aconselharam-me que nos devemos tratar bem uns aos outros e tratar bem a terra em que vivemos, e que temos de continuar a respeitar a nossa tradição.” (DAU, 2017, p. 89-90). Portanto, essas palavras do narrador-personagem mostram que as vivências histórico-culturais das personagens são a mistura do real com a ficção e o insólito de maneira “orgânica” no processo de afirmação de sentidos identitários.

Considerações finais

Em *Habitante do inóspito*, o escritor partilha o desalento resultante da inferiorização da tradição local por conta da assimilação cultural, o que denota uma forte preocupação em manter vivas a memória e a tradição como constituintes da identidade nacional moçambicana. Alex Dau, afirma-se, como vimos, a partir das pinceladas aqui feitas, como uma das grandes vozes da literatura comprometida com o pertencimento étnico.

Nesse sentido, compreendemos que, no processo de resistência e afirmação identitárias, as lutas dos subalternizados são necessárias, por mais que seja possível reconhecer, obviamente, o caráter múltiplo das identidades. Em vista disso, com *Habitante do inóspito*, Dau busca uma ruptura com os contratos de fala e vida ditados pelo mundo eurocêntrico, objetivando, por assim dizer, a configuração de uma nova ordem simbólica, de expressão de valores culturais moçambicanos.

Desse modo, portanto, Alex Dau trabalha, de forma arrojada, com os códigos de percepção do mundo dos inferiorizados, compreendendo a ancestralidade como pretexto modelador da conexão com o território das tradições moçambicanas; pelo que, ao colocar em xeque a problemática da assimilação cultural, apresentando as expressões míticas e ritualísticas dos moçambicanos, o livro *Habitante do inóspito* potencia a cosmogonia e visão de mundo próprias da moçambicanidade, questionando os apagamentos epistêmicos dentro do contexto dos resquícios da empreitada colonial.

Referências

- CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Literatura e Nacionalidade. Porto: Veja, 1994.
- COSTA, Rosilene. O Regresso do morto: oralidade, memória e tradição constituintes da identidade nacional. **Nau literária**, vol. 04, n. 01, jan/jun, 2008.
- DAU, Alex. **Habitante do inóspito**. Maputo: Oleba, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MANUEL, Juma & MAPERA, Martins. O discurso da identidade e os ritos angolanos em Maka na Sanzala, de Uanhenga Xitu. **Revista NUPEM**, v. 14, n. 31, p. 45-57, 2022.
- MATHE, Alberto José. **A espiritualidade no conto moçambicano**: da escatologia ao “realismo tradicional” africano. 121 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Universidade de Aveiro, 2016.
- MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. **Estudos afro-asiáticos**, Ano 23, nº 1, p. 171-209, 2001.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NOA, Francisco. Do subúrbio colonial ao subúrbio global: a encruzilhada de imaginários em José Craveirinha, Aldino Muianga e João Salva-Rey. **Literaturas africanas**, vol. 1, p. 193-203, 2006.
- NOA, Francisco. **A escrita infinita**. Maputo: Ndjira, 2013.
- PINTO, Júlio Roberto & MIGNOLO, Walter. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas**, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015.